

Governo ajuda a acalmar mercado

Garantia de que acordo com FMI será cumprido foi decisiva para conter alta do dólar e uma queda maior na bolsa

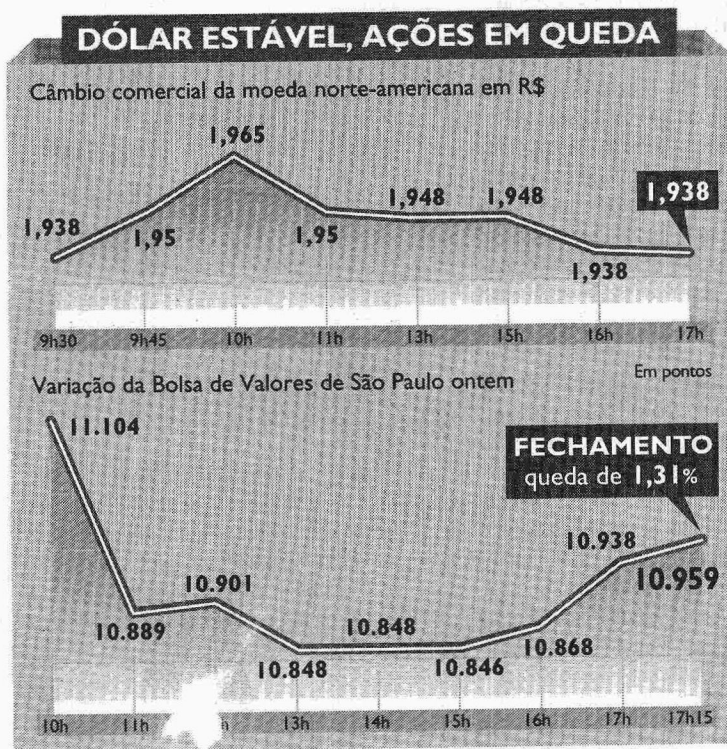
Ricardo Leopoldo
Da equipe do Correio

São Paulo — O governo conseguiu uma vitória ontem ao conter o nervosismo do mercado financeiro, assustado com a derrota sofrida no Supremo Tribunal Federal (STF), que derrubou a cobrança de contribuições previdenciárias junto a servidores ativos e inativos. No início do dia, o câmbio disparou e bateu em 1,967. Mas aos poucos declarações de ministros mostravam que a perda de R\$ 2,5 bilhões de receitas serão compensadas com aumento de impostos e corte de despesas. Depois do almoço, os compradores de dólares se acalmaram e passaram a vender a moeda, que fechou estável em R\$ 1,938.

Comentários dos ministros Pedro Parente, da Casa Civil, e de Aluizio Nunes Ferreira, da Secre-

taria Geral da Presidência, serviram para acalmar os operadores de bancos e administradores de fundos. Eles garantiram que o governo vai cumprir o prometido com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo o acordo, a União terá que poupar R\$ 35 bilhões. "O Poder Executivo foi firme ao mostrar que está empenhado em reequilibrar as contas públicas", comentou Pedro Tomasoni, diretor de Renda Variável, do Lloyds Bank.

De acordo com alguns analistas, muitos investidores não quiseram se desfazer de papéis de empresas brasileiras, pois pretendem esperar o leque de medidas que o governo poderá anunciar nos próximos dias. A especulação no mercado foi muito intensa. Falava-se de aumento da Contribuição Provisória sobre Movimentações Financeiras (CPMF), de Imposto de



Renda e elevação da contribuição dos servidores públicos, de 11% para 15%. "É possível que também ocorra corte de investimentos. Se eles surgirem, poderão atingir a área social", afirmou Marcelo Allan, economista-chefe

do banco Inter American Express. As bolsas de valores também ficaram nervosas, mas o volume de vendas foi revertido mais à tarde. Em São Paulo, o pico da queda foi de 3,2%, fechando no final da tarde em queda de

1,31%, com volume de R\$ 512 milhões. No Rio de Janeiro a queda foi de 1,9%, com movimento de R\$ 173 milhões.

Como o mau humor do mercado foi se diluindo depois do almoço, os títulos da dívida externa fecharam em alta. O papel brasileiro C-Bond, o mais negociado pelos países em desenvolvimento, registrava alta de 1,2%, às 18h30, valendo 63% do valor de face.

No mercado futuro, o dólar e juros fecharam o pregão em queda. O câmbio para novembro ficou em R\$ 1,952, uma redução de 0,44%. Para janeiro, a reversão foi maior, baixa de 1,09%, caindo para R\$ 1,988. As taxas anuais de juros diminuíram em novembro de 19,64% para 19,40%. Para dezembro, a cotação pulou de 21,54% para 20,73% e em janeiro baixou de 22,64% para 22,21%.

Embora o estrago ontem tenha sido menor do que o esperado pelos analistas financeiros, o governo terá que agir rápido para mostrar com propostas viáveis como conseguirá poupar os R\$ 2,5 bilhões perdidos com a decisão do STF.